

A RELAÇÃO ENTRE-CULTURAS EM SALA DE AULA: LÍNGUA E IMIGRAÇÃO

THE INTERCULTURAL RELATIONSHIP IN THE CLASSROOM: LANGUAGE AND IMMIGRATION

Estela Aparecida Damião ¹
Angela Derlise Stübe ¹[0000-0003-1890-5513]

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
estela.damiao159@gmail.com, angelastube@uffs.edu.br

Resumo. Nesta pesquisa, discutimos a relação do sujeito-professor de língua portuguesa com o outro-aluno-estrangeiro em sala de aula. Para isso, entrevistamos profissionais de uma escola pública que atende alunos imigrantes em Chapecó/SC. A pergunta de pesquisa que norteou este trabalho foi: que sentidos são produzidos pelos dizeres do professor de língua portuguesa sobre sua experiência em sala de aula com alunos imigrantes e como isso afeta o fazer docente? A partir de gestos interpretativos, analisamos regularidades que remetem à experiência do sujeito-professor com o outro-aluno-estrangeiro: o apagamento de línguas em busca de um ideal monolíngue; a relação com o outro-aluno-estrangeiro e a hos(ti)pitalidade que surge nessa relação; todas essas regularidades atravessadas – de modo tenso – pela noção de cultura. Assim, entendemos que a experiência do professor com alunos imigrantes, de acordo com os dizeres e a narratividade produzida pelo sujeito-professor, é marcada por uma relação de entre-meios: na hos(ti)pitalidade – entre hospitalidade e hostilidade –, no acolher e des-acolher, no tensionamento entre a cultura outra e a cultura brasileira, na língua outra e na sua língua, na sua individuação como sujeito-professor de língua portuguesa que sabe ensinar o aluno brasileiro, mas, quando tem um aluno estrangeiro, sente dificuldade. É nesse espaço dicotômico que o professor demonstra mudanças e questionamentos nos seus modos de individuação. No ensino da língua portuguesa, surge a dificuldade, regularidade que perpassa vários dizeres dos professores.

Palavras-chave: Cultura, Língua, Imigração, Subjetividade, Sujeito professor

Abstract. In this research, we discuss the relationship between the Portuguese-language teacher-subject and the foreign student-other in the classroom. To this end, we interviewed professionals from a public school that serves immigrant students in Chapeco, Santa Catarina. The research question guiding this work was: what meanings are produced by Portuguese-language teachers' statements about their classroom experience with immigrant students, and how does this affect teaching practice? Through interpretive gestures, we analyzed regularities that refer to the teacher-subject's experience with the foreign student-other: the erasure of languages in pursuit of a monolingual ideal; the relationship with the foreign student-other and the hos(ti)pitality that emerges from this relationship; and all these regularities as they are traversed, in a tense way, by the notion of culture. We therefore understand that teachers' experience with immigrant students, according to the statements and narrativity produced by the teacher-subject, is marked by an in-between relationship: in hos(ti)pitality, between hospitality and hostility; in welcoming and un-welcoming; in the tension between the other culture and Brazilian culture, the other language and their own language; and in their

individuation as Portuguese-language teacher-subjects who know how to teach Brazilian students but experience difficulty when faced with a foreign student. It is in this dichotomous space that teachers demonstrate changes and question their modes of individuation. In Portuguese-language teaching, difficulty emerges as a regularity that cuts across several teachers' statements.

Keywords: Culture; Language; Immigration; Subjectivity; Teacher-subject

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar efeitos de sentidos de dizeres do sujeito-professor de língua portuguesa sobre sua experiência em sala de aula com alunos imigrantes, no Oeste de Santa Catarina/Brasil. A pergunta que move o estudo é: Quais sentidos são produzidos pelos dizeres do professor de língua portuguesa sobre sua experiência em sala de aula com alunos imigrantes e como isso afeta o seu fazer docente?

Para dar conta dessa questão, elegemos a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados. Entrevistamos 3 professores de Língua Portuguesa de uma escola pública de Chapecó/SC, que atende o maior número de imigrantes na cidade. No momento da entrevista, a escola contava com cerca de 650 alunos matriculados; destes, 108 eram estrangeiros, que não tinham a língua portuguesa como Língua Materna. A presença significativa de alunos estrangeiros nas turmas regulares na educação pública é um fenômeno que se acentua com as ondas migratórias de imigrantes haitianos, a partir de 2014 e, posteriormente, com a imigração Venezuelana, a partir de 2018. Essa realidade linguística plural em sala de aula, coloca outras questões para os professores: o que é ensinar Língua Portuguesa – na mesma sala de aula – para alunos brasileiros e não brasileiros que, muitas vezes, não sabem falar a Língua Portuguesa.

Teórico-metodologicamente a pesquisa sustenta-se no dispositivo da Análise de Discurso (AD) franco-brasileira, que dá suporte para interpretar o lugar da cultura na relação pedagógica. Para os professores, é importante valorizar a cultura do outro, o que também inscreve seu discurso na alteridade.

METODOLOGIA

Para dar conta da pergunta de pesquisa e de nossos objetivos, elegemos a entrevista semiestruturada como método para acesso à materialidade do discurso dos sujeitos. Nosso público para as entrevistas foram profissionais que trabalham com o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), por ser nessa fase que há maior presença de alunos estrangeiros nas escolas do município de Chapecó/SC, de acordo com um relatório disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação de Chapecó.

Entrevistamos três professores que trabalham a disciplina de Língua Portuguesa e que têm alunos estrangeiros em suas turmas. Para a entrevista, fizemos uma questão inicial, a saber: Como está sendo a tua experiência de ensino para alunos imigrantes, que não têm o português como língua materna?

Dentro de nossos recortes e análises, observamos uma regularidade presente nos dizeres dos professores, que foi o lugar atribuído à cultura: os participantes tocaram na importância da cultura quando falavam dos aspectos positivos da relação entre alunos brasileiros e estrangeiros em sala de aula.

ANÁLISE DO CORPUS DE PESQUISA: TEM OUTRA(S) CULTURA(S) NA MINHA AULA

Para as análises, quando perguntados sobre pontos positivos encontrados no contato com alunos estrangeiros em sala de aula, os professores demonstraram um ponto regular em seus discursos: a cultura.

Quando questionado sobre suas certezas relacionadas ao ensino de LP que teriam sido alteradas, ou rompidas, é regular o professor afirmar teve confirmada a certeza da existência da diversidade. Em todas as SDs há uma regularidade: todos professores mostram ter e reproduzir um discurso sobre a importância da diversidade e das diferenças culturais. Mas, ao mesmo tempo, apontam para a emergência de discurso preconceituosos em relação ao outro estrangeiro. à língua do outro, à cultura do outro:

*SD1: é uma **experiência diferente pela questão mais do/ do convívio assim/** porque sala de aula além de toda a questão da gente trazer os conteúdos/ trazer as propostas/ mas tem muito ali da troca/ da vivência/ então eu acho que um dos principais pontos é isso assim/ essa experiência de ter alunos de outros países e como eu comentei também até de outras regiões do Brasil traz essa/ essa oportunidade dos alunos brasileiros poderem conviver/ de nós professores também conhecer um pouco mais/ mais/ assim/ **por mais que tem essa/ essa oportunidade/ a gente ainda tá bem longe de conseguir assim momentos de/ de fazer realmente trocas/** (P1).*

Mesmo quando o professor não fala diretamente a palavra preconceito, existem processos parafrásticos que remetem a essa interpretação. Os participantes usam termos como: *excluem; não se misturam; tá bem longe de conseguir trocas*. Como se existisse uma forma de exclusão entre as culturas, em que uma exclui a outra, como se alunos brasileiros e estrangeiros não pudessem interagir, *alunos estrangeiros que sempre fazem trabalhos com alunos estrangeiros*.

Para Orlandi (2017 p. 91), os nossos corpos são vistos como materiais significativos. Assim, o sujeito estrangeiro traz em seu corpo processos significativos que demonstram esse funcionamento da memória e que causam estranhamento e medo da mudança, por isso surge o preconceito, “[...] que é estruturante da nossa formação social, e as consequentes reações de hostilidade contra estes sujeitos, os ‘de fora’, os ‘outros’, seja da cultura do grupo social, do país, etc.” (ORLANDI, 2017, p. 91-92).

Nessa linha, o preconceito é provocado por uma filiação a sentidos que o sujeito não sabe como se formaram nele, mas têm relação com o real e são de natureza histórico-social. Os alunos brasileiros, ou mesmo o sujeito-professor, não sabem como produzem esse efeito de sentido do preconceito, isso faz parte do seu processo de individuação, ação da ideologia e do interdiscurso.

RESULTADOS

Nessa perspectiva, a cultura também constitui o sujeito, assim como a história, a ideologia e as formações discursivas, trazendo um ponto de aproximação com a AD. Os professores tentam inserir os alunos estrangeiros na nossa cultura, na nossa língua, e também tentam inserir os alunos brasileiros na cultura do estrangeiro que está em sala de aula. Assim, há uma nova experiência notada pelos professores: a diversidade de

culturas em um *entre-lugares* – *aqui* na sala de aula e lá no país em que esses alunos estrangeiros nasceram e do qual carregam a língua que falam – e em um tempo atual, *agora*. Isso evoca a diferença cultural que se faz presente e, de alguma maneira, reorganiza o fazer docente, modifica, afeta, pois agora ele percebe a presença da diversidade na sua realidade e essa diversidade é concretizada na diferença cultural, de acordo com a narratividade construída pelos professores.

“Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos” (BHABHA, 1998, p. 21). Assim, percebemos as duas possibilidades a partir dos discursos dos professores, os embates dessas diferenças culturais são consensuais, positivos, importantes para os sujeitos do processo pedagógico pois trabalham a diversidade. Entretanto, são também conflituosos, pois segregam, já que aluno estrangeiro só faz trabalhos com alunos estrangeiros, há uma exclusão. Essa exclusão acaba gerando uma situação de conflito para o professor, pois esse se vê no papel de quem precisa mediar uma aproximação, apelar para que os estudantes percebam as possibilidades positivas que o outro-aluno-estrangeiro pode oferecer.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2011.

ORLANDI, E. P. **Eu, Tu, Ele** – Discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017a.

STÜBE, A. D. N. Língua(gem) e identidade: a estranha-familiar língua da escola. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online]. 2009, v. 9, n. 2., pp. 583-596. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982009000200011>. Acesso em: 20 nov. 2022.